



Obra-chave, a Casa da Palafita da Ilha do Cavaco, em Angra dos Reis, onde mais amava construir

Para Niemeyer, suas obras eram "lindas, acolhedoras, com o sapê das cobertas tocado pelos ventos"

Cláudio Bernardes, o construtor da natureza

Edição Pessoa/3E - 10/1/1999

Morto anteontem aos 52 anos, arquiteto deixa uma obra de grande coerência

O corpo do arquiteto Cláudio Bernardes, de 52 anos, que morreu anteontem no quilômetro 473 da BR-060, a 40 quilômetros do centro de Sidrolândia (município localizado a 70 quilômetros de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul), num acidente de automóvel, seria cremado ontem, às 15 horas, no Cemitério do Caju, no Rio.

Filho de outro arquiteto famoso, Sérgio Bernardes, Cláudio deixou mais de 1.000 projetos realizados pelo País, todos com uma marca inconfundível: procurava soluções que utilizassem lições da cultura brasileira e ousava as linhas e as formas, buscando um conceito moderno.

"Não quero fazer casa para ganhar prêmio, mas para que as pessoas possam morar nelas", dizia o arquiteto carioca. Em 1999, ele publicou um livro com seu trabalho, *Arquitetura de Cláudio Bernardes* (DBA, 204 págs., R\$ 80), que continha fotos de Tuca Reines. "Foi uma das coisas mais lúbricas que já fotografei na minha vida", disse ontem Reines, abalado pela perda do amigo. "Acho que a grande marca da obra do Cláudio era que ele era um cara extremamente brasileiro e, mesmo quando trabalhava com estruturas metálicas, a natureza participava de maneira muito forte", afirmou o fotógrafo.

Uma das obras-chave de Bernardes, a Casa da Palafita da Ilha do Cavaco, construída pelo arquiteto em 87, em Angra dos Reis (local onde está a maioria de suas obras e que ele mais amava), concentra sua filosofia. A casa é erguida com grande influência das palafitas dos Alagados, na Bahia, ou das casas sobre a água no Maranhão.

Costumava dizer que seu maior aprendizado não viera da academia, mas do contato com o fazer construtivo, com os mestres-de-obras, pedreiros e carpinteiros. Ele começou na carreira de maneira singular, trabalhando com o mestre-de-obras Manoel Pereira, em Angra. Em suas casas nas montanhas e nas ilhas do Rio, usava a madeira como material básico. Na cidade, utilizava estruturas metálicas pintadas de branco.

Entre seus inúmeros admiradores e clientes, gente como Irluice Dias, diretora da Rede Globo de Televisão, o cirurgião Ivo Pitanguy, das famílias

Nascimento Brito e Marinho. Também foi o autor do excêntrico projeto do quarto de 100 metros quadrados da filha da apresentadora Xuxa, Sasha.

Elogios - Era elogiado por um colega ilustre, Oscar Niemeyer. "Surpreendo-me com a qualidade das casas que ele construiu", afirmou Niemeyer sobre Bernardes. "Lindas, acolhedoras, com o sapê das cobertas tocado pelos ventos", afirma ainda.

Mas Bernardes não ia muito longe na questão teórica. Não tem grandes ensaios sobre a própria obra. "O que eu tento é agredir o mínimo possível a natureza", ressaltava. "Meu pai me ensinou que a arquitetura vem de dentro para fora e, se você está bem por dentro, estará bem externamente."

O pai foi uma grande referência. Segundo contou à revista *Istoé*, em 1999, sua casa era frequentada, na sua infância, por gente como Portinari, Guignard, Tom Jobim, Dorival Caymmi, Nara Leão, Carybé. E expoentes da arquitetura e da arte internacionais também, como o papa Le Corbusier, Brigitte Bardot, Robert Kennedy e Maurice Bijaert.

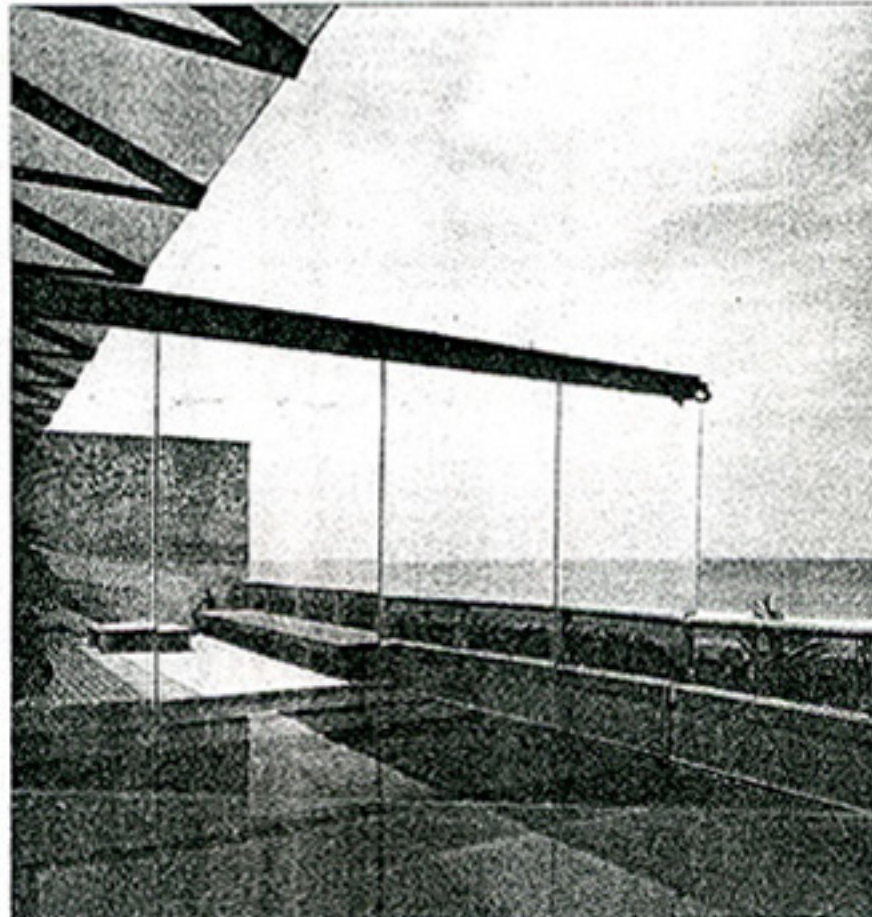
Contava histórias. Certa vez, esteve lá um curador do Museu de Arte Moderna de Nova York, que passou reto por quadros de Di Cavalcanti e Portinari e se deteve diante de duas telas de Cláudio, então com 15 anos. Impressionado, o curador arrematou as obras

por cerca de US\$ 300. "Na época era um dinheirão. Me mandei para a Bahia e passei seis meses na farra", lembra.

Cláudio Bernardes contou ao *Estado*, em entrevista publicada em 1999, uma história curiosa sobre a única vez em que se defrontou com o gênio do paisagismo, Burlie Marx. Eles iriam dividir um projeto juntos, mas divergiram e Marx deixou a empreitada. "Eu queria botar água no teto da casa, ele queria um jardim", explica Bernardes. Nunca mais se viram.

Cláudio, que não gostava de prédios, fixou escritório em São Paulo há cinco anos, após passar quase toda a vida no Rio. Bernardes garantia estar feliz com o que chamava de "dupla cidadania", dividida entre o Leblon e a Alameda Gabriel Monteiro da Silva. "São Paulo é um mélange de raças e princípios."

Mas experimentava um sentimento ambíguo em relação ao



Acima, o arquiteto Cláudio Bernardes; ao lado, uma combinação de água e vidros transparentes à beira do mar

trabalho nas grandes cidades, entre a paixão pelos grandes espaços e as noções modernas de moradia. "Sou contra a especulação imobiliária, sintoma do desamor que é ganhar dinheiro para dar algo ruim para as pessoas morarem."

Odiava particularmente a Barra da Tijuca e sua "Miamiização", contava. "Não acredito nessa tendência de trazer Nova York para São Paulo ou Miami para a Barra da Tijuca", diz. "As identidades estão se perdendo."

Hoje em dia, dizia, poderia viver em qualquer parte do mundo, porque se entusiasmava com facilidade com a vida. "Não é porque você está à beira-mar que a idéia vem." Para ele, o segredo da inspiração estava no espaço. "É ali que as coisas prendem o pensamento, seja o fogo, o aquário ou a neve caindo."

Não recusava projetos nem clientes. [TEXTO] Em 1994, encontrou-se numa cela com o bilhéu Castor de Andrade para fazer um projeto para o contraventor. "Não há desperdício em um único de seus gestos arquitetônicos. Ele é grandioso na discrição. Não é palavroso, não cultiva a exuberância. Mas também não quer fingir a espontaneidade de um pintor naif - sua obra é cerebral", escreveu o jornalista Nirlando Beirão sobre sua produção.

"Arquitetura é isso, algo que dá um enorme grau de ansiedade pelo futuro", costumava dizer o arquiteto, que deixou um seguidor na família: o filho, Thiago, também é arquiteto.

Acidente - Era grave ontem o estado de saúde de Roberto Cheller, de 53 anos, uma das vítimas do acidente automobilístico que matou Cláudio Bernardes. Cheller estava internado no Centro de Terapia Intensiva da Santa Casa de Campo Grande.

Segundo informou o hospital, o paciente teve fraturas em várias partes do corpo, além de uma contusão pulmonar, o que agravava seu estado. Paul Jacobsen e Sérgio Schwarcz, os outros passageiros do automóvel, tiveram alta ontem cedo. Jacobsen sofreu traumas leves e prosseguiria tratamento no Rio de Janeiro, onde vive. Schwarcz sofreu trauma torácico leve e escoriações pelo corpo e deveria continuar o tratamento em São Paulo.

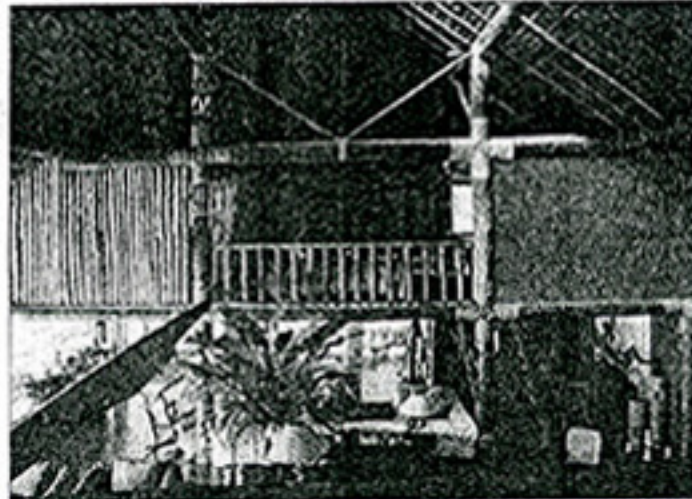
Reportagens de Jotabê Medeiros, João Naves de Oliveira (em Campo Grande) e Adriana Ferreira (da Sucursal do Rio)

CORPO FOI CREMADO ONTEM, NO RIO

DEPOIMENTOS

Sérgio Rodrigues, arquiteto. "Fico preocupado em constatar que três grandes arquitetos morreram nesses últimos meses - Alcides Rocha Miranda, Wilson Reis Neto e agora o Cláudio Bernardes. O Cláudio fazia tudo com muita jovialidade, o seu trabalho sempre foi muito admirado nacional e internacionalmente. Ele não só herdou do pai, Sérgio Bernardes, o talento, como também acrescentou outras qualidades. Eu lamento muito. Sou amigo das três gerações. Agora estou conhecendo melhor o trabalho de Thiago, filho do Cláudio, que também é arquiteto. São três gênios (o pai, o filho e o avô)."

Paulo Casé, arquiteto e autor do projeto Rio Cidade do bairro de Ipanema. "Ele conseguia transmitir generosidade, competência e caráter. Ele fazia muito bem às pessoas pró-



Uma das obras do arquiteto: linhas ousadas e apoio à natureza

ximas. A mesma alegria que ele propunha na convivência, ele propunha no trabalho. Ele era um criador brasileiro. Gostava de usar a cultura brasileira como matriz, buscava o que era

nosso, dentro de uma espacialidade fantástica. Morreu no auge da carreira."

Lenny Niemeyer, estilista. "Ele era uma pessoa que ilu-

minou a vida da gente, ele trazia a luz onde ia."

Marco Antonio Alencar, conselheiro do Tribunal de Contas do Município. "Ele era amigo de todo mundo, bastava conhecê-lo para ficar seu amigo."

Roberto Dávila, jornalista. "Eu era seu amigo há mais de 20 anos. Mais do que a arquitetura, ele amava a vida. Eu estava folheando recentemente o livro dele e pensei: ah, eu tenho de fazer um programa com o Cláudio. Eu agora tenho essa mágoa."

Tuca Reines, fotógrafo. "Acho que um ícone da arquitetura brasileira é a casa que ele fez para o Waltinho Moreira Salles, no Rio, algo de grande beleza e simplicidade. Além de tudo, ele tinha o melhor bom astral da face da Terra."